



“NEM PARECE QUE TEM QUILOMBOLA AQUI”: Narrativas de estudantes quilombolas sobre a (in)visibilidade da identidade quilombola na CRF Pe. Sergio Tonetto-Moju-Pa¹.

Joana Carmem do Nascimento Machado; Salomão Antônio Mufarrej Hage

Universidade Federal do Pará (UFPA) – Email: joanadacor@gmail.com; Universidade Federal do Pará (UFPA) – Email: salomao_hage@yahoo.com.br

Resumo

Ao longo da formação das comunidades quilombolas do Rio Jambuaçu-Moju/Pa., os moradores que ali residem tem vivenciado inúmeros conflitos, no tocante à preservação de suas terras, que vão da tentativa de repressão e destruição dos antigos mocambos, no século XVIII, à invasão e grilagem de terras nos dias atuais. É objetivo do presente trabalho, tratar da Identidade Quilombola, reafirmada em meio a conflitos sócio-territoriais entre quilombolas e o capital mineral, por meio das narrativas de estudantes quilombolas em processo formativo da Casa Familiar Rural Quilombola Pe. Sérgio Tonetto. Cabe destacar que a CFR Quilombola do Jambuaçu é resultado do processos de reparação (medidas compensatórias) mediante a instalação de um mineroduto para o transporte de bauxita, ao longo de 15 km do Território, em 2004, pela Companhia Vale do Rio Doce – CVRD, que provocou enormes perdas ao Território, como a destruição de roças, florestas de castanheiras, assoreamento de rios e igarapés. Os procedimentos metodológicos que nortearam a inserção em campo basearam-se em entrevistas e observações sistemáticas. Para analisar as narrativas dos sujeitos, procedeu-se a análise de conteúdo das entrevistas. Os sujeitos não serão identificados por seus verdadeiros nomes. A referida pesquisa revelou que a Identidade Quilombola é invisibilizada no processo formativo da CFR Pe. Sérgio Tonetto, assim como aponta para descaracterização da Pedagogia da Alternância.

Palavras-Chaves: Conflitos Sócio-Territoriais. Identidade Quilombola. Pedagogia da Alternância.

1-NA TRILHA DAS PALAVRAS: NARRATIVAS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA CFR Pe. SERGIO TONETTO

Elisa, estudante do 2º ano do Ensino Médio Profissionalizante fez a abertura da atividade e convidou-me para falar sobre a pesquisa que estava realizando. Falei a respeito do objetivo da pesquisa e perguntei no grupo qual era o tema que estavam trabalhando nessa alternância. A representante da turma respondeu:

“Não sabemos professora, acho que não tem. Agora nós vamos pro campo, pra aula prática. Depois do almoço a gente tem aula de português, estudo pra fazer o dever que a professora passa e a noite a gente volta para aula de português de novo, hoje é assim, o horário é esse hoje.” (ELISA).

A ausência de temas orientando o processo educacional comprometeu o sentido da alternância, cujo foco é o fortalecimento do sujeito do campo, por meio do levantamento da realidade local, para efetivação de uma educação contra-hegemônica construída coletivamente, com

¹. O presente trabalho é resultado de pesquisa de mestrado, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UFPA.



vistas à tomada de consciência dos sujeitos envolvidos para transformação social e do desenvolvimento sustentável. Quando os estudantes da CFR não conhecem ou não construíram o tema a ser tratado, deduz-se que o PPP não alcança minimamente o objetivo de formação de sujeito em um modelo educacional contra-hegemônico, comprometendo inclusive a concepção de educação adotada nos Centros de Formação por Alternância (CEFAS), uma vez que todos os elementos “trabalhados nos CEFA’s visam formar o jovem para que tenha a habilidade de construir um projeto de vida. Aprenderá aquilo que para ele tem um sentido ou um significado” (CALVO, 2002, p.136).

O caderno de realidade e as folhas de observação são instrumentos indispensáveis no processo por alternância, pois na socialização das observações tem-se um quadro dos temas que são de interesse dos estudantes, das famílias e da comunidade. Perguntei então se os estudantes se eles faziam uso de tais instrumentos. Os estudantes responderam que não, que faziam somente uma redação quando eles voltam para a escola. Perguntei então se na redação eles produziam a história da formação da comunidade, assim como a luta em defesa do território, e se havia algum incentivo por parte da CFR a que eles escrevam sobre tais temas. As respostas foram as seguintes:

[...] (risos) Hum, mas nunca, nem parece que tem quilombola aqui. (ELZA).

[...] A gente chega aqui pensando que é escola diferente, escola dos quilombola...essa escola é da VALE, da HYDRO, quer dizer (mais risos). Eu tô revoltada se a senhora tivesse aqui ontem ia ver. Nos penamo mais de trinta frangos anteontem pra comer a semana toda; ia ser um almoço. Chegou o povo da HYDRO, comeram primeiro que nós..., que nós mesmo que não ia sentar junto com esse pessoal; quando nós sentamo pra comer, só tinha feijão com charque e farinha; mas nos deu muita raiva, que tamo entalado até agora. (ELOÍSA).

Com relação à fala da estudante me vem à expectativa de estudar na CFR, uma vez que esta foi motivo de disputa pelos quilombolas e quando vivenciada, não corresponde às necessidades dos sujeitos envolvidos. Em vários momentos e falas evidenciei isso, perguntei a um grupo de alunos do 1º ano do ensino médio profissionalizante sobre problemas que ocorrem nas comunidades que eles consideram importantes ser tratados na CFR. Assim eles responderam:

Um problemão mesmo aqui, agora é essa estrada, depois que quebrou a ponte lá do Moju, é caminhão, Transbrasiliana, carro grande, pequeno...tudo passando por aqui. Tão acabando com a nossa rodovia que é pra nós usar, pra nós levar nossas coisas pra fora... e agora os carro grande acaba com a estrada, porque chove muito e é só um atoleiro, tem vez que nós fica lá pro Moju porque não dá de voltar ou de nós ir. Quem vai consertar depois nossa estrada? Lá vai nós brigar de novo. O papai já falou que sábado vai ter



ABAETETUBA-PA

reunião pra fechar a rodovia pra esses carros não passar. A senhora viu ontem, que não deu de a senhora chegar cedo pelo ramal, que era mais rápido? (ELTON).

Nós estuda, estuda e eu não entendo nada/É só aula, aula, sentado que me dá é uma agonia/Quando vai pro campo é que é melhor/um pouquinho/que nós já sabe o que é que faz/o que é diferente é a explicação (risos)/mas isso nós já sabe não precisa vim pra escola. Minha vó fala, vai pra Casa Rural pra vê se nós se livra desses veneno (riso). (ELIZEU).

A minha mãe diz que o vovó não vai aguentar muito/igual o seu Narcizio/[...] Porque diz que o seu Narcizo se matou/porque não aguentou, lutou, lutou e olha ai/igual o Pe. Sérgio também que morreu desgostoso com o movimento/No terreno do vovó, na época descobriram um sítio arqueológico/ o vovó fala: quando descia aquele bichão e levava as coisa da terra eu gritava eu metia tiro (risos)[...] o bichão era o helicóptero (risos)/ o sitio tá fechado/ninguém entra lá/nem o vovó/ o povo acha que ele tá até doido/mas não tá não/é porque ele chora muito/tá velho né? (ELISA).

Perguntei se tais questões foram colocadas para discussão do tema a ser tratado e no caderno de realidade ou na folha de observação, eles responderam:

Não! (ELISA, ELZA, ELOÍSA, ELTON, EMANUEL, ELIZEU).

Porque não tem, caderno de realidade, folha de observação, não tem nada! (ELZA).

Tratar, na educação quilombola, da memória, das tecnologias e formas de produção e trabalho, tratar da territorialidade, como estabelece a Resolução CNE/CEB nº. 08/2012, diz respeito às questões levantadas pelos estudantes: “*que nós já sabe o que é que faz/o que é diferente é a explicação (risos)*”. O lidar com a terra está numa relação de simbiose para os quilombolas, pois a escola deveria apropriar-se dessa relação e ampliar o debate, cujo foco, a partir da criação da CFR, seria o fortalecimento do Território Quilombola, sem perder de vista o aspecto da profissionalização. Nisto de fato consiste se ter e fazer uma educação emancipadora, crítica, uma educação como direito humano, no sentido conferido por Freire (1996, p. 99),

[...] é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do poder tomado, o que vale dizer que essa educação tem que ver com uma compreensão diferente do desenvolvimento, que implica uma participação, cada vez maior, crescente, crítica, efetiva dos grupos populares.

Os laços de solidariedade, o comunitaríssimo, a família e a ancianidade são marcas muito fortes, presentes nas falas dos estudantes. O avô, a mãe, o pai, os filhos, são sujeitos de uma



educação sem lugar, na medida em que esses são invisibilizados na CFR, corroborando mais para destruição do território do que para o fortalecimento do mesmo. As falas denunciam isso: “*A minha mãe diz que o vovó não vai aguentar muito/igual o seu Narcizio/[...]Porque diz que o seu Narcizo se matou/porque não aguentou, lutou, lutou e olha ai/igual o Pe. Sérgio também que morreu desgostoso com o movimento*”; “*Nós estuda, estuda e eu não entendo nada/É só aula, aula, sentado que me dá é uma agonia*”. Assim, o sentido da educação quilombola é o pertencimento, o que ficou evidenciado nas falas dos estudantes. Portanto, é imperativo fortalecer a Identidade Quilombola para se efetivar a educação como direito, pois por meio dessa identidade é que acontece valorização dos saberes dos antepassados, a luta, a organização, a memória com a participação dos mais velhos nas decisões da comunidade, por esses guardarem a memória do lugar e serem os responsáveis por manter viva a história do quilombo pois,

A afirmação da identidade contribui para que a comunidade defina o seu futuro, desenvolva os seus projetos de vida no território e fortaleça a sua cultura. É a identidade que afirma quem somos, onde estamos e o que queremos, de forma a envolver as pessoas individualmente e o grupo enquanto coletivo. (SILVA, 2013, p.21).

Neste sentido, pensar uma educação na e para as comunidades quilombolas é relacionar a Identidade Quilombola a outros temas próprios ao modo de vida dessas comunidades, tais como: a terra, história, memória e organização. Estudam na CFR “Pe. Sérgio Tonetto” jovens e adultos que nasceram nas terras da luta e da resistência, no quilombo, que se conhecem, e que mantêm uma relação de ancestralidade com o local. Cada palavra, cada gesto, cada sinal, cada história está carregada de significado, e contemporaneamente mantêm os quilombolas, as mesmas estratégias de manutenção dos valores civilizatórios africanos, que foram fundamentais na conquista de direitos fundamentais à humanidade.

No retornando da aula de campo, perguntei ao grupo de estudantes que acompanhava qual a importância da CRF para eles?

Se nós não vier pra cá, aí que eles tomam conta de tudo/Isso aqui é nosso/essa terras/tudo/se não vier pra cá/acaba. (ELZA).

Eu fiquei dois anos sem estudar/porque a mamãe disse que eu não ia pro Moju estuda, fazer o médio lá [...] que ela tinha penado muito pra conquistar essa casa, pra mim ir pro Moju, não[...] Ai eu fiquei esperando começar o Ensino Médio aqui.” (ELTON).

[...] meus irmãos só fizeram até a 4ª série porque tinha que sair cedo, de madrugada, pra ir estudar lá pro Moju e voltava só quase de noite ou tinha que parar pela casa dos outros



[...] minha mão chorava muito, quando a casa veio pra cá a mãe e a de todo mundo aqui disse: Agora nossos filhinhos ficar aqui, não vão mais pensar [...] então valeu a pena derrubar a torre (risos). (ELOÍSA).

O que me remete ao processo de luta contra a CVRD/HYDRO, neste sentido, posso dizer que está longe o fim do conflito entre quilombolas e mineradora, à medida que a CFR está no campo das disputas ideológicas. De um lado estão os sujeitos sociais resistindo ao sistema, criando estratégias de sobrevivência com base na coletividade para manutenção do território; de outro, está o sistema educacional que invisibiliza tais sujeitos sociais. A Pedagogia da Alternância, por meio de seus instrumentos, pode vir a superar a “reprodução de ausências históricas”, no sentido conferido por Arroyo (2011, p. 143), uma vez que se propõe a superar o modelo educacional excludente, denunciando tal projeto hegemônico.

As ausências dos sujeitos populares não se dão por ingênuo esquecimento, mas têm uma intencionalidade política, fazem parte do processo político de segregação desses coletivos nos diversos territórios sociais, econômicos, políticos e culturais. Suas ausências nos centros tidos como produtores e transmissores únicos do conhecimento legítimo, do saber, válido, objetivo, científico que são as disciplinas e os ordenamentos curriculares é mais um dos mecanismos históricos de mantê-los ausentes, inexistentes como sujeitos sociais, políticos, culturais e intelectuais.

O projeto político em disputa no território, portanto, tem a dimensão histórica do racismo, não há “ingenuidade” no não trato da Identidade Quilombola no processo formativo da CFR “Pe. Sérgio Tonetto”, há intencionalidade efetiva de manter as relações de poder estabelecidas, de supressão da vida, da memória, da história, do lugar, do Território Quilombola do Rio Jambuaçu.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 2ª ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
BRASIL, LEI Nº 9.394. **LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996.D.O.U de 23 de dezembro de 1996.

_____. **LEI 10639**, de 9 de janeiro de 2003, D.O.U de 10/01/2003.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e pra o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra,1996.



SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução à teorias do currículo. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **A produção social da identidade e da diferença**. In, SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.). Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 12. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.